

## EXPERIÊNCIAS JUVENIS NO CONTEXTO ESCOLAR: IMPASSES E POSSIBILIDADES

### Youth experiences in the school context: impasses and possibilities

Gisania Carla de Lima<sup>1</sup>, Severino Bezerra da Silva<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Professora, Faculdade Dom Alberto, profgisania@gmail.com

<sup>2</sup>Professor, Universidade Federal da Paraíba, severinobsilva@uol.com.br

### INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte das discussões realizadas em nossa tese de doutorado. Nosso objetivo é apresentar apontamentos acerca da escola considerando sua relação com a juventude como categoria social, jovem como sujeito de direito, suas experiências e diálogo com o ambiente escolar. Assim, discutimos a representação da juventude e da escola no contexto das relações e do reconhecimento; como a escola tem exercido seu papel e as possibilidades do diálogo com as juventudes.

O texto está estruturado em três partes. Na primeira parte, definimos e tratamos a representação da juventude na contemporaneidade, discutindo a relação disso com aspectos da educação escolar. A segunda parte apresenta a metodologia empregada para a elaboração desse trabalho. Na terceira parte expomos os resultados das reflexões a partir da consideração do diálogo entre escola e as experiências juvenis, seguida das considerações finais de trabalho.

Desse modo, iniciamos destacando que a sociedade moderna ao instituir papéis sociais reconhece a condição social desses sujeitos. De certo, esses papéis legitimam regras de conduta, normas, pois consistem no “conjunto de expectativas associadas em torno de uma função”, segundo Teles (1993, p. 50). Essa é uma das formas para que se entenda a institucionalização do curso da vida, da categoria etária, como maneira de assegurar uma condição social para a juventude; no entanto, a juventude, como categoria culturalmente construída acrescenta a essa condição que “... ainda que seja uma representação simbólica, permeada de valores ideológicos, é também uma realidade social concreta”, e dessa existência concreta emerge a necessidade de compreendê-la em seus contextos (MARGULIS e URRESTI *adup* GROPPPO, 2015, p. 25; GROPPPO, 2017; PERALVA, 1997).

No século XXI ocorreu uma ruptura da imagem dos jovens, de posturas estigmatizadoras, que os tratou como socialmente “invisíveis” ou “semi-invisíveis”, vistos como ameaça à integridade social (ABRAMO, 1997). Os estudos contemporâneos acerca das juventudes deram ênfase ao potencial transformador da juventude através da ação dos grupos juvenis que se instituíram para a participação na esfera pública, assumindo papel importante e com ações combativas e propositivas. Levou-se em conta não só a condição biológica e cultural que constitui como categoria social, como trata Melluci (1996), mas considera outros elementos constituintes de sua representação social na contemporaneidade.

As juventudes se encontra sistemática na escola, que exerce um papel estratégico para instituir mudanças no modo de vida destas (STROPASOLAS, 2006). Nela, experiências das

juventudes são incluídas – mesmo como forma de resistência –, para superar algumas dificuldades que enfrentam, marcando significativamente trajetórias escolares de jovens.

Contudo, a concepção de educação predominante no ambiente escolar ainda valoriza a transmissão de conhecimentos sistematizados, culturalmente acumulados, em detrimento de práticas mais participativas e dialógicas, criadora, representando uma visão distorcida da educação. Para Freire (1987), essa educação se caracteriza como uma educação bancária onde o conhecimento é doação e não como construção, fazendo com que o professor deposite conteúdos nos alunos que assumem uma postura passiva no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Moreira e Candau (2003), a escola “... sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e padronização” (p. 161), sendo necessário construir práticas pedagógicas onde a diferença e o multiculturalismo estejam presentes, (res)significando o processo de ensino e aprendizagem, diminuindo as distâncias entre a escola as experiências dos jovens.

## **METODOLOGIA**

Na abordagem de pesquisa qualitativa teorias e conceitos estão envolvidos no processo investigativo para compor um caminho importante para o conhecimento aproximado da realidade, explicando os fenômenos que a cercam. Essa abordagem atende às questões subjetivas implicadas em um projeto de pesquisa, constituindo uma perspectiva que contribui para “... sondar a realidade e desvendar seus segredos”, mostrando como se configura a busca pelo conhecimento do mundo social a partir das subjetividades (MINAYO, 1994). Os procedimentos adotados possibilitam a composição de um “mosaico científico” válido no processo investigativo, assegurando por meio da cientificidade dos instrumentos adotados, o cuidado com o que está sendo descoberto (BECKER, 1997). Deste modo, a presença ou a descoberta da teoria no processo de pesquisa afasta o risco para o pesquisador de tomar o aparente como verdade, visto que a pesquisa empírica proporciona que ela se apresenta e não o que se deseja encontrar ou confrontar.

A pesquisa qualitativa, através da observação participante e entrevistas em profundidade, combate o perigo de bias, porque torna difícil para o pesquisado a produção de dados que fundamentem de modo uniforme uma conclusão equivocada, e torna difícil para o pesquisador restringir suas observações de maneira a ver apenas o que sustenta seus preconceitos e expectativas (GOLDENBERG, 1997, p. 47).

A abordagem qualitativa permitiu que as questões abordadas neste trabalho fossem tratadas no percurso metodológico, tornando claras as escolhas feitas dos procedimentos aplicados para compreender a relação das experiências juvenis no contexto escolar através das relações e práticas estabelecidas pelas juventudes nesse contexto.

Fruto de recorte feito considerando discussões realizadas em nossa tese de doutorado, empregamos neste trabalho os procedimentos de uma revisão da literatura e apontamentos das observações feitas em *locus* durante a pesquisa empírica realizada em uma escola pública no município de Pilões/PB. Isto nos forneceu subsídios para organizamos nossas reflexões relacionando ao referencial teórico, podendo assim compreender a conexão dos conceitos com a realidade tornando viável o conhecimento acerca do recorte feito.

## **DIÁLOGO ENTRE ESCOLA E AS EXPERIÊNCIAS JUVENIS: RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na escola, o debate acerca das demandas e experiências das juventudes confirma a juventude como grupo geracional relevante para acessarem, com ações propositivas e diálogo, as instâncias governamentais as políticas públicas (RODRIGUES, 2010), sendo a escola o lugar para aprender a participação cidadã. Nisso, questões sociais têm estimulado diversas ações unificadas e combativas das juventudes como o tema do meio ambiente, que mobiliza por conta do impacto social; e o tema da violência, notório e urgente devido aos índices crescentes de violência entre as populações pobres e negras.

A escola, assim, passa a se representar como espaço popular, reflexivo, que pode agrupar várias perspectivas para dinamizar práticas pedagógicas que favorecem a emancipação, e fazer-se lugar para esse sujeito, compreendendo sua realidade social, buscando prolongar os processos educativos para fora do padrão normativo, para fora da escola, incluindo as práticas da juventude e sua cultura.

Outra possibilidade é a escola criar elo entre com a comunidade, grupos e pessoas, numa relação dialogal, com eficaz carga de realidade, de representatividade e de significados. O resultado disso é fazer a escola passar a ser repensada como parte das vivências e experiências nos territórios e lugares, desbravando novos campos de interação, constituindo-se como uma instituição social articulada, contextualizada, mediadora de saberes coletivos socializáveis (SILVA, 2014).

É preciso observar que o caráter institucional da educação faz com que a cultura escolar esteja numa posição contrária à cultura juvenil, colocando-se como superior e seletiva; caracterizada por rituais, práticas, marcada pelo descompasso entre ser jovem e ser adulto, realçando uma cultura adultocrata nesse ambiente, como aborda Abramoway (2015). Isto faz com que os jovens sejam vistos sob um padrão homogêneo de expressões e práticas, em virtude da tentativa de adequá-los, independente do contexto social, ao papel de aluno, desconsiderando a complexidade que envolve o termo. Como espaço homogeneizador, a escola tende a ocultar as diferenças culturais e a valorizar o capital cultural que favorece uma cultura em detrimento de outras, enfatizando relações sociais de diferenciação, e a necessidade de construir práticas educativas para evidenciar as diferenças culturais (BOURDIEU, 2003).

Do encontro fértil da educação com as juventudes, podemos considerar a função social (res)significada da escola, identificando a materialização de experiências juvenis emancipadoras, cuja democracia é percebida como valor cultural presente no ambiente escolar, que transforma as relações sociais e as práticas. O desafio da escola, portanto, é contribuir para uma formação cidadã, para ações participativas e propositivas, para superar os impasses na representação e participação qualificada dos jovens nos processos educativos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não podemos negar que a realidade da educação é preocupante quando consideramos as condições desfavoráveis de acesso e permanência de algumas juventudes nas instituições escolares. O contexto da pandemia do Covid-19 agravou ainda mais os problemas estruturais

da educação brasileira, e revelou desigualdades que segregam e colocam à margem as populações menos favorecidas, segregadas nesse processo por diferenças de classe, regionais, entre outros.

As juventudes sofrem com a precarização da educação, com a falta de oportunidades de uma formação qualificada, sendo inúmeros os prejuízos por conta dessa situação. Os obstáculos encontrados ameaçam seus projetos de vida. Além disso, para muitas famílias a escola representa uma aposta de futuro melhor e novos horizontes de vida para seus filhos, e por conta disso criam, segundo Arenhaldt (2013), uma “rede de apoio e amparo” válida, para que as projeções feitas a partir disso sejam aprimoradas com a inserção dos filhos na escola. Por este motivo, as famílias incentivam os engajamentos dos jovens e estabelecem meios para que os jovens ultrapassem as condições adversas da realidade da educação.

Por fim, a escola, como espaço de formação e atuação para as juventudes, é importante para que suas potencialidades sejam evidenciadas com sua participação em processos de decisão que propõem/buscam a melhoria das relações no ambiente escolar. É dessa forma que a relação da juventude com a educação pode avançar no sentido de valorizar experiências escolares que contribuem para configurar visões de futuro e projeções para a melhoria nas condições de vida a partir da escola.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena, Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago,1997, nº 5; Set/Out/Nov/Dez, 1997, nº 6.

Disponível:[http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/442\\_1175\\_abramowendel.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/442_1175_abramowendel.pdf) Acessado em 28/04/2015.

ABRAMOVAY, Miriam. Coord. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?** / Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro, Júlio Jacobo Waiselfisz. Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015.

ABRAMOVAY, M. et al. **Juventude, Violência e vulnerabilidade Social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

BECKER, Howard Saul. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Tradução de Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. In: Escritos de Educação, Petrópolis, Vozes, 2003.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. In: Revista Brasileira de Educação, mai/ago, nº 023. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GOLDENBERG, Miriam. **Objetividade, representatividade e controle de bias na pesquisa qualitativa**. In: A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 44 -52.

GROPO, Luís Antonio. **Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis**. Em Tese, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015. ISSN: 1806-5023. Disponível em: <file:///C:/Users/Marcus/Downloads/37828-132173-1-PB.pdf>. Acessado em: 31/05/2018.

GROPO, Luís Antonio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **“La juventud es más que una palabra”**. In: Margulis, M. (org). La juventude es más que una palabra. Buenos Aires, Biblos, 1996.

MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais**. Melucci Universidade degli Studi di Milano Tradução de Angelina Teixeira Peralva Publicado em: Revista Young. Estocolmo: v. 4, nº 2, 1996, p. 3-14. Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 Nº 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 Nº 6. Disponível em: [http://anped.tempsite.ws/novo\\_portal/rbe/rbedigital/RBDE05\\_6/RBDE05\\_6\\_03\\_ALBERTO\\_MELUCCI.pdf](http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_03_ALBERTO_MELUCCI.pdf). Acessado em: 28/04/2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento/Pesquisa qualitativa em saúde**. SP: RJ. Hucites - Abrasco. 1994.

PERALVA, Angelina. **O jovem como modelo cultural**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, ANPEd, nº 5/6, 1997.

SILVA, Severino Bezerra. **Educação do campo: entre a escola e o contexto local**. In: Educação do Campo: reflexões teóricas e práticas pedagógicas / Orlandil de Lima Moreira (org). – João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens/ Valmir Luiz Stropasolas**. – Florianópolis : Ed. da UFSC, 2006.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Sociologia para jovens – iniciação à sociologia / Maria Luiza Silveira Teles**. – Petrópolis, RJ : Vozes, 1993.